

**A TEMÁTICA DE GÊNERO NO CURRÍCULO DE MINAS GERAIS:  
Possibilidades pedagógicas a partir de debates fílmicos - Longa-Metragem  
Valentina**

**THE TOPIC OF GENDER IN THE CURRICULUM OF MINAS  
GERAIS: Pedagogical possibilities based on filmic debates: Feature  
Film Valentina**

Gabriela Gonçalves Junqueira<sup>1</sup>  
Jessika de Souza Silva<sup>2</sup>

**Resumo**

O objetivo do artigo é apresentar como a temática de gênero aparece nos documentos norteadores para o trabalho docente na rede estadual de Minas Gerais. Além disso, pretende-se explorar qual o impacto da resolução SEE nº 3423, publicada em maio de 2017, que dispõe sobre o reconhecimento e adoção de nome social nas escolas estaduais de Minas Gerais. Como possibilidade metodológica e didática, tem-se o intuito de demonstrar como o filme *Valentina* (2020), que narra a história de uma adolescente trans, pode servir como subsídio para trabalhar a temática em sala. O filme permite não só mobilizar conceitos importantes no que tange às discussões de gênero, mas também provoca quem assiste a sentir como a violência de gênero está muitas vezes institucionalizada dentro do sistema escolar. Além disso, o filme é um lembrete de que a escola é e deve ser um espaço social marcado pela diversidade de identidades e, portanto, pela diferença.

**Palavras-chave:** Gênero, Educação, SEE Minas Gerais, *Valentina*.

**Abstract**

The aim of the article is to present how the theme of gender appears in the guiding documents for teaching in the state network of Minas Gerais. Additionally, it aims to explore the impact of resolution SEE No. 3423, published in May 2017, which provides for the recognition and adoption of social names in state schools in Minas Gerais. As a methodological and didactic possibility, it intends to demonstrate how the

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Ciências da Religião. Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Concentração: Antropologia e Sociologia - pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no qual foi bolsista Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Doutora em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena (GEPAEHI), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atuou em projetos de pesquisa e extensão na área de Educação Patrimonial e coordenação de projetos de Consultoria a órgãos especializados de gestão científica, tecnológica ou consultoria técnica prestada a órgão público ou privado pela Fundação Araporã. Atualmente é Professora substituta na Universidade Federal de Uberlândia no INCIS (Instituto de Ciências Sociais) e de Ensino Religioso da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Católica de Uberlândia (2012) e especialização em Supervisão escolar e orientação educacional pelo Instituto Prominas Serviços Educacionais (2016). Atualmente é PROFESSORA da ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR VALDEMAR FIRMINO DE OLIVEIRA. Tem experiência na área de Educação.

film *Valentina* (2020), which tells the story of a trans teenager, can serve as a resource for addressing the topic in the classroom. The film not only mobilizes important concepts regarding gender discussions but also prompts viewers to feel how gender violence is often institutionalized within the school system. Furthermore, the film is a reminder that the school is and should be a social space marked by the diversity of identities and, therefore, by difference.

**Keywords:** Gender, Education, SEE Minas Gerais, *Valentina*.

## INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é apresentar como a temática de gênero aparece nos documentos norteadores para o trabalho docente na rede estadual de Minas Gerais, Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017) e planos de curso Minas Gerais (2024), para o Ensino Médio regular. Além disso, pretende-se utilizar a produção fílmica *Valentina* (2020)<sup>3</sup> como possibilidade pedagógica para trabalhar a temática em sala de aula.

Como professoras que vivenciam o cotidiano escolar, a nossa experiência nos permite observar e experienciar as mudanças que moldam o ambiente educacional. Uma das mais significativas foi o impacto da Resolução SEE nº 3423, publicada em maio de 2017. Essa normativa, que garante o reconhecimento e a adoção do nome social a estudantes cuja identificação civil não corresponda à sua identidade de gênero, tem sido um catalisador para importantes debates e transformações nas escolas estaduais de Minas Gerais.

A resolução permite a alteração do diário de classe, do boletim, crachás ou carteirinhas de estudante, listas ou qualquer outro instrumento de identificação do estudante. A ressalva seria para os menores de 18 anos, já que estes precisariam da autorização dos responsáveis para alteração do registro escolar.

Desde a publicação da resolução, é possível perceber um aumento dos pedidos de alteração do registro, tanto por parte dos discentes que frequentam as turmas regulares (com as devidas autorizações dos responsáveis), quanto os que frequentam as turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Legalmente, portanto, essas legislações deveriam impedir que os alunos encontrassem dificuldades no processo, contudo na prática, nem sempre é o que acontece. De acordo com um

---

<sup>3</sup> O filme *Valentina* estreou nos cinemas brasileiros no dia 19 de agosto de 2021. Depois, em 17 de outubro de 2021, ele foi adicionado ao catálogo da Netflix. É importante notar que, embora tenha estreado comercialmente em 2021, o filme foi exibido em festivais de cinema nacionais e internacionais em 2020, por isso o ano de referência adotado no artigo é esse.

levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) em 2018 e 2019 houve, em média, 50 denúncias de estudantes que tiveram o nome social recusado no ato da matrícula.

Importante ressaltar que se, por um lado, ocorre a alteração do registro escolar com as autorizações dos responsáveis, por outro, há os discentes que se consideram trans, porém a família não autoriza a alteração. Nesses casos, como fica o papel dos educadores e educadoras? Se optarmos por chamar esses discentes pelo nome social, sofreremos ameaças constantes de processos administrativos e por parte dos responsáveis.

Esses casos em específico também nos fazem refletir sobre o papel da escola na vida dessas pessoas, onde a família e a casa se tornam o lugar de negação de si mesmo e a escola o lugar onde esses corpos encontram autonomia e liberdade de ser quem são. Esses corpos cerceados no âmbito familiar, encontram na escola a possibilidade de autonomia e liberdade que não existe no espaço da casa.

E mesmo a escola sendo esse espaço da liberdade, da diferença, a convivência nem sempre é harmoniosa, principalmente quando se trata da presença de estudantes trans, já que “estudantes trans carregam as marcas da subversão em seus corpos e sofrem os desdobramentos do discurso transfóbico no ambiente escolar” (CAFÉ; COROA, 2020).

No que tange aos entraves e violências sofridas no processo burocrático para alteração do registro escolar no âmbito geral sabemos que isso acontece. Mas e quanto aos processos de violência que ocorrem na convivência com os pares dentro da sala de aula? O contato com os profissionais da educação? Com a gestão da escola?

Nesse sentido, o filme *Valentina* (2020) é uma ferramenta didática importante. O filme não é apenas um retrato da adolescência trans, mas uma poderosa alegoria sobre a importância do reconhecimento e acolhimento, temas centrais para a política de nome social em Minas Gerais. A narrativa da protagonista, que busca ter sua identidade respeitada em uma nova escola, funciona como um ponto de partida para questionar as barreiras institucionais e o papel da escola como esse espaço de acolhimento e garantia de direitos.

O longa foi filmado na região de Uberlândia e Estrela do Sul, e é um subsídio didático de potente linguagem cinematográfica. O filme não se limita a expor a história de uma adolescente trans, mas utiliza elementos visuais e sonoros para criar uma experiência imersiva e empática. A montagem, que alterna entre a hostilidade do ambiente escolar e a segurança do lar, e o uso do som para acentuar a solidão e a liberdade da protagonista, são aspectos que podem ser analisados em sala de aula. Essa abordagem permite aos alunos ir além da narrativa e questionar as barreiras institucionais e sociais que a personagem enfrenta. Assim, o filme se torna mais do que um

conteúdo; é uma ferramenta para desconstruir preconceitos e reforçar a importância da escola como um espaço de diversidade e acolhimento.

## **PRÁTICAS E REFLEXÕES METODOLÓGICAS**

Nas maravilhas e conflitos existentes nas experiências docentes, aprendemos a enxergar o outro e olhar para a diferença. Nessa jornada profissional pudemos colocar em prática ao longo dessa caminhada o que Tim Ingold (2011; 2016) chama de educação da atenção, uma das grandes contribuições, dentre outras, da discussão e aproximação entre antropologia e educação e o impacto da prática antropológica nos processos de ensino aprendizagem.

A metodologia adotada neste trabalho parte de um viés que compreende a educação da atenção como um pilar central para o processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem, que se distancia de uma pedagogia meramente transmissiva, busca envolver o aluno de forma ativa. Aqui, a educação da atenção, mediada pelo cinema, emerge como uma possibilidade pedagógica potente para desconstruir preconceitos e humanizar o debate em sala de aula.

Na proposta de se pensar em uma educação da atenção, Ingold (2011) acredita que praticar observação participante é viver intencionalmente com outros, uma prática de correspondência, de viver com os outros. Essa educação da atenção e o olhar cuidadoso colocado como condição para que ela exista, permite uma relação única e um vínculo que impacta também na valorização dos saberes e na produção do conhecimento dos nossos estudantes.

Além de professoras, a atuação de uma das autoras como supervisora do PIBID Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, permitiu algo ímpar: adentrar nos campos da Universidade Federal como um espaço de recepção de pesquisas desenvolvidas pelos próprios estudantes do Ensino Médio. Em um primeiro momento, em um evento organizado pelo Instituto de Filosofia, e depois pela Semana de Ciências Sociais organizada pelo Instituto de Ciências Sociais no ano de 2023.

O intuito do evento, ao abrir a possibilidade de receber discentes do Ensino Médio em um GT próprio para eles, foi proporcionar o contato dos discentes do Ensino Médio com a pesquisa científica e a produção do conhecimento a partir da elaboração de resumos e comunicação oral no evento. Como coordenadora do GT e da proposta em conjunto com a equipe do PIBID Sociologia/Filosofia, uma das autoras teve uma feliz surpresa, foram 19 trabalhos inscritos e um deles trouxe bastante inquietação.

O trabalho foi proposto por cinco estudantes e intitulado “Transfobia na escola: relato de um homem trans”. Dentre os discentes, o aluno trans, responsável pela narrativa presente no

trabalho. Durante a preparação do trabalho e a pesquisa, nenhuma surpresa, como dito, a perspectiva da educação da atenção, e esse efetivo olhar cuidadoso com os discentes, sempre possibilitou uma aproximação com os estudantes.

Sendo assim, já era conhecida a história do aluno trans, que exemplifica o caso da família que não autorizou a alteração do registro e não aceita sua identidade de gênero, fazendo com que ele viva essas duas realidades: do âmbito familiar e do ambiente escolar.

Os relatos de transfobia trazidos por eles também eram conhecidos. Não só os que esse aluno passava, mas também caso de outros estudantes na mesma situação. O que foi surpreendente, durante a comunicação oral, foi a emoção que todos eles, integrantes e autores do trabalho trouxeram e algumas reflexões importantes. Estar ali com outras pessoas, para além dos rostos conhecidos dos corredores da escola, permitiu que eles trouxessem todo o contexto escolar e revivessem várias passagens para contar. Tudo isso foi muito emocionante e uma fala chamou muita atenção, quando a namorada do aluno trans, indignada no seu tom, disse: “parece impossível pensar que a minha calça rasgada me ofereça mais punição do que para alguém que é transfóbico no espaço escolar”.

Como isso não é colocado dentro das reuniões pedagógicas, dos conselhos de classe ou mesmo nos diálogos informais da sala dos professores? Como punições como essas, tão triviais, não chocam a todos frente a impunidade dos casos de transfobia que ainda ocorrem no ambiente escolar?

[...]temos um exemplo do modo como se expressa a transfobia na escola, isto é, por meio das expressões de violências física, psicológica ou simbólica, bem como por atitudes ou sentimentos negativos em relação às pessoas transgêneras. Seja de modo intencional ou não, tais situações provocam consequências severas (inclusive morte), para quem é discriminado. (BENTO; XAVIER; SARAT, 2021, p.3)

No dia a dia desses estudantes, segundo seus relatos, a transfobia se manifesta em preconceito, assédio moral, questão do uso dos banheiros e agressão verbal. Vale ressaltar que mesmo quando a escola é um ambiente acolhedor, pela ótica dos estudantes, isso não a faz um ambiente harmonioso livre de conflitos, e falar sobre isso e as possíveis punições aos agressores é necessário. Além disso, é importante estabelecermos outras noções sobre o processo do educar, focando no potencial transformador do processo.

[...] o de pensar e repensar o que é educar, como educar e para que educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não-reconhecidas ou, mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado. (MISKOLCI, 2016, p. 51)

Identificar a experiência de como é ser um aluno trans dentro de uma escola que majoritariamente é composta por pessoas cisgênero, é fundamental para que suas demandas sejam ouvidas e essas pessoas sejam chamadas a participar ativamente e exercer seu “protagonismo juvenil”, como tanto alerta a BNCC (Brasil, 2017).

E para trabalhar a questão de gênero com estudantes do Ensino Médio é importante ressaltar suas experiências cotidianas a fim de atuar no reconhecimento dessas diferenças e dos conflitos que com eles existem e pensar como a escola hoje lida com assuntos decorrentes das diferentes identidades de gênero que existem ali dentro.

Assim, trabalhar com as questões de gênero e as suas relações com a escola sempre foi motivo de inquietação. Talvez pela indignação, por parte de alguns colegas, pela iniciativa em trabalhar a temática, mas também pela falta de conhecimento legal que ampara e nos direciona a trabalhar o conteúdo dentro da sala de aula.

Algumas vezes, os documentos legais que direcionam nosso planejamento já tiveram que ser destacados para argumentar a discussão sobre a temática em sala de aula. Por isso, trabalhar a temática por si, já é de grande contribuição para nosso exercício enquanto professores de sociologia, mas também para educação como um todo.

Por isso, este artigo combina a análise documental com a possibilidade pedagógica do cinema. A primeira etapa consistiu em examinar os documentos norteadores da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, com foco na Resolução SEE nº 3423/2017, para identificar o tratamento dado à temática de gênero. Na segunda etapa, o filme *Valentina* (2020) foi selecionado como possibilidade pedagógica de trabalhar a temática em sala de aula. A proposta de utilização da obra não se limitou a um resumo do enredo, mas se debruçou sobre a potencialidade didática da narrativa e da linguagem cinematográfica, investigando como as imagens, os sons e a atuação da protagonista podem ser mobilizados em sala de aula para promover debates sobre identidade de gênero, violência e inclusão. O objetivo é demonstrar como a arte pode servir de mediadora para a aplicação prática e humanizada da legislação educacional.

## **A TEMÁTICA DE GÊNERO NA BNCC E PLANO DE CURSO DE MINAS GERAIS DE 2024**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. A partir da publicação de 2017 as orientações se dão por meio das competências e organização das habilidades, que estão

relacionadas a diferentes objetos de conhecimento – entendidos como conteúdos, conceitos e processos –, que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas (BRASIL, 2017).

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a **“educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa.** (BRASIL, 2017, p. 8) (Grifo meu)

Fazendo um levantamento inicial na BNCC vê-se que a temática de gênero, enquanto conceito, aparece de maneira muito transversal nas indicações das disciplinas de Geografia e de História no que tange a questões de “diversidade (de gênero, religião, tradições étnicas etc.)” (Brasil, 2017, p. 547), tendo somente uma menção sobre gênero durante todo o documento.

No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra no processo de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, das diferenças em relação ao Outro e das diversas formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas. Tais relações são pautadas pelas noções de indivíduo e de sociedade, categorias tributárias da noção de *philia*, amizade, cooperação, de um conhecimento de si mesmo e do Outro com vistas a um saber agir conjunto e ético. Além disso, ao explorar variadas problemáticas próprias de Geografia e de História, prevê que os estudantes explorem diversos conhecimentos próprios das Ciências Humanas: noções de temporalidade, espacialidade e diversidade (**de gênero**, religião, tradições étnicas etc.); conhecimentos sobre os modos de organizar a sociedade e sobre as relações de produção, trabalho e de poder, sem deixar de lado o processo de transformação de cada indivíduo, da escola, da comunidade e do mundo. (BRASIL, 2017, p. 547. Grifo meu)

A BNCC (Brasil, 2017) apresenta argumentos para reforçar o interesse que os estudantes aprendam a indagar, já que vê isso como ponto de partida para uma reflexão crítica, e uma das contribuições essenciais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas mencionam temas importantes para que isso ocorra de forma muito superficial e generalizante.

Outro documento importante para nosso planejamento curricular são os planos de curso oriundos do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). O documento foi elaborado em 2019 e implementado ao longo do ano de 2020, e em 2021 deveria estar efetivamente dentro de sala de aula. De acordo com a Resolução SEE-MG nº 4.692/2021, todas as escolas da rede estadual adotariam a concepção de educação voltada para a formação integral dos sujeitos e deveriam considerar a diversidade e inclusão como norteadores éticos, democráticos e estéticos em suas ações pedagógicas.

Como esse currículo e os planos de curso dele advindos lidam com as temáticas de gênero? O intuito, é a partir de um levantamento, trazer dados de como a temática é importante e deve ser trabalhada em diferentes nuances. Importante ressaltar que há menção nos três planos de curso desenvolvidos para o Ensino Médio regular: 1º, 2º e 3º ano.

Relativo ao plano de curso do 1º ano, a temática aparece como objeto do conhecimento/conteúdos relacionados e em orientações pedagógicas na disciplina Sociologia. Aparece como objetos de conhecimento relativo aos marcadores sociais da diferença em suas dimensões de classe, raça/etnia, **gênero**, sexualidade (Minas Gerais, 2024a, p. 52. Grifo meu), por exemplo. Além disso, é possível identificar o conceito também nas orientações pedagógicas referentes ao 4º bimestre, com mais objetividade e discussões mais focadas na temática, como trabalhar os conceitos de sexo e pensar **gênero** enquanto uma construção social (p. 54. Grifo meu), como se pode ver na imagem abaixo. Ao todo, o plano de curso traz oito menções ao conceito de gênero durante o documento.

PLANO DE CURSO				
ÁREA DE CONHECIMENTO:		Ciências Humanas	ANO DE ESCOLARIDADE	
COMPONENTE CURRICULAR:		Sociologia	1º Ano - Ensino Médio	
ANO LETIVO				
2024				
4º BIMESTRE				
UNIDADE TEMÁTICA/ TÓPICO	COMPETÊNCIA ESPECÍFICA	HABILIDADE	OBJETOS DO CONHECIMENTO/ CONTEÚDOS RELACIONADOS	ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS
Política e Trabalho	Competência 4: Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.  (EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.	<ul style="list-style-type: none"><li>Gênero como construção social.</li></ul>	Para que a habilidade seja desenvolvida pelo(a) estudante é importante que ele(a) seja capaz de: - Ler e analisar diferentes textos que abordam a construção social do gênero, buscando reconhecer como a identidade de gênero, os papéis de gênero, são projeções individuais e coletivas da sociedade sobre os corpos biológicos e o quanto variam culturalmente.
Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética	Competência 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.  (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	<ul style="list-style-type: none"><li>Conceitos de raça, racismo, etnia e etnicidade e suas inter-relações.</li></ul>	Para que a habilidade seja desenvolvida pelo(a) estudante é importante que ele(a) seja capaz de: - Pesquisar as raízes da noção de raça no Colonialismo europeu, na explicação religiosa histórica da "humanidade" dos diferentes povos não europeus, bem como no advento da escravidão moderna (sec. XV), refletindo e analisando o discurso do Racismo Científico (Evolucionismo, Darwinismo Social, Eugenia), estabelecido no Século XIX no contexto do Neocolonialismo europeu.

IMAGEM 1: Minas Gerais, 2024a, p. 54.

Referente ao plano de curso do 2º ano, há apenas duas menções durante todo o documento. Uma na disciplina de Geografia na unidade temática “Política e Trabalho” onde a menção é apenas no objeto de conhecimento em que aparece a seguinte indicação “Emprego e ocupação, analisando



renda, **gênero**, educação, saúde e condições de trabalho no território brasileiro. Relações de trabalho e mercado no mundo globalizado (MINAS GERAIS, 2024b, p. 14. Grifo meu).

A segunda menção aparece já na disciplina de Sociologia. Ressalto que é a única menção ao conceito dentro da disciplina de Sociologia. O conceito aparece também na unidade temática “Política e Trabalho” onde a menção é, assim como na disciplina de Geografia, apenas no objeto de conhecimento em que aparece a seguinte indicação: “O mundo do trabalho e suas transformações a partir de diferentes marcadores sociais (Raça, **gênero**, classe, geracional), e as políticas que asseguram a jovens, mulheres, negros e demais minorias sociais acesso igualitário ao mercado de trabalho.” (MINAS GERAIS, 2024b, p. 48. Grifo meu).

PLANO DE CURSO				
ÁREA DE CONHECIMENTO:		Ciências Humanas	ANO DE ESCOLARIDADE	ANO LETIVO
COMPONENTE CURRICULAR:		Sociologia	2º Ano - Ensino Médio	2024
3º BIMESTRE				
UNIDADE TEMÁTICA/ TÓPICO	COMPETÊNCIA ESPECÍFICA	HABILIDADE	OBJETOS DO CONHECIMENTO/ CONTEÚDOS RELACIONADOS	ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS
Política e Trabalho	Competência 4: Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.	<ul style="list-style-type: none"><li>Mundo do trabalho e suas transformações a partir de diferentes marcadores sociais (Raça, gênero, classe, geracional), e as políticas que asseguram a jovens, mulheres, negros e demais minorias sociais acesso igualitário ao mercado de trabalho.</li></ul>	Para que a habilidade seja desenvolvida pelo(a) estudante é importante que ele(a) seja capaz de: <ul style="list-style-type: none"><li>- Analisar e compreender histórica e social os marcadores sociais que estão presentes na política e no mundo do trabalho.</li></ul>
		(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.		
			(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.	<ul style="list-style-type: none"><li>Movimentos sociais baseados em classes sociais, como os operários e trabalhistas; e as lutas e conquistas dos movimentos sociais acerca do mundo do trabalho e sua precarização na contemporaneidade.</li></ul>
	Competência 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.		

IMAGEM 2: Minas Gerais, 2024b, p. 48.

No plano de curso relativo ao 3º ano, a temática aparece durante cinco vezes, uma na disciplina de História e quatro na disciplina de Sociologia. Na disciplina de História aparece de forma geral em “Reconhecer e respeitar às diferenças culturais, étnicas, religiosas, sociais e de **gênero**, entre outras” (MINAS GERAIS, 2024c, p. 40. Grifo meu).

Nas quatro menções do conceito na disciplina de Sociologia vemos um maior aprofundamento na forma como o tema é tratado, trazendo debate inclusive sobre

A TEMÁTICA DE GÊNERO NO CURRÍCULO DE MINAS GERAIS: Possibilidades pedagógicas a partir de debates fílmicos - Longa-Metragem Valentina  
*Gabriela Gonçalves Junqueira*  
*Jessika de Souza Silva*

interseccionalidade. O tema aparece tanto nos objetos de conhecimento como nas orientações pedagógicas.

Estudando e compreendendo os conceitos de sexo, **gênero** e sexualidade, suas interrelações e **interseccionalidades**.

O papel das instituições e dos mecanismos simbólicos e discursivos na atribuição de comportamentos à classe, à raça, ao **gênero**, ao sexo, à sexualidade e à questão geracional. A transformação das categorias sociais como raça/cor, família, religião, **gênero**, entre outras, ao longo do tempo e do espaço. Analisar de maneira reflexiva os conceitos de **gênero**, sexo, sexualidade, **interseccionalidade**, reconhecendo e valorizando a liberdade, a autonomia e o poder de decisão de cada indivíduo. (MINAS GERAIS, 2024c, p. 44. Grifos meus).

PLANO DE CURSO				
ÁREA DE CONHECIMENTO:		Ciências Humanas	ANO DE ESCOLARIDADE	ANO LETIVO
COMPONENTE CURRICULAR:		Sociologia	3º Ano - Ensino Médio	2024
1º BIMESTRE				
UNIDADE TEMÁTICA/TÓPICO	COMPETÊNCIA ESPECÍFICA	HABILIDADE	OBJETOS DO CONHECIMENTO/ CONTEÚDOS RELACIONADOS	ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS
Política e Trabalho	Competência 4: Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.	(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.  (EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.	<ul style="list-style-type: none"><li>Análise da relação entre acesso à educação e mundo do trabalho.</li><li>Reconhecimento da necessidade de políticas que assegurem a jovens, mulheres, negros e demais minorias sociais acesso igualitário ao mercado de trabalho.</li></ul>	Para que a habilidade seja desenvolvida pelo(a) estudante é importante que ele(a) seja capaz de: <ul style="list-style-type: none"><li>Identificar e estabelecer uma análise que proporcione ao estudante compreender a relação entre educação e mundo do trabalho.</li><li>Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.</li></ul>
Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética	Competência 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.  (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	<ul style="list-style-type: none"><li>Estudando e compreendendo os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, suas inter-relações e interseccionalidades.</li><li>O papel das instituições e dos mecanismos simbólicos e discursivos na atribuição de comportamentos à classe, à raça, ao gênero, ao sexo, à sexualidade e à questão geracional.</li><li>A transformação das categorias sociais como raça/cor, família, religião, gênero, entre outras, ao longo do tempo e do espaço.</li></ul>	Para que a habilidade seja desenvolvida pelo(a) estudante é importante que ele(a) seja capaz de: <ul style="list-style-type: none"><li>Analisar de maneira reflexiva os conceitos de gênero, sexo, sexualidade, interseccionalidade, reconhecendo e valorizando a liberdade, a autonomia e o poder de decisão de cada indivíduo.</li></ul>

IMAGEM 3: Minas Gerais, 2024c, p. 44.

## LONGA-METRAGEM VALENTINA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA DE TRABALHAR E TORNAR EFETIVO OS PLANOS DE CURSO DE MINAS GERAIS



IMAGEM 4: Poster Filme Valentina (2020)

Com essa breve exposição e levantamento de dados, podemos ver que o assunto, que é de extrema importância dentro das Ciências Sociais, é pouco explorado e cobrado dentro dos planos de curso de Minas Gerais, com poucas menções, mas aparece, o que reafirma não só nosso direito, mas obrigação de trabalhar a temática no Ensino Médio. A BNCC, por sua vez, trata o tema de maneira muito superficial e generalizante, no qual o tema aparece somente uma vez dentro do debate.

Isso posto, como trabalhar a temática? Sabemos que muitos docentes, pelas experiências nas escolas, ainda não sabem como trabalhar o tema. Esse trabalho pretende apresentar como possibilidade pedagógica a realização de debates fílmicos entre os discentes, aqui em específico com o longa Valentina, com o intuito de possibilitar ferramentas para docentes que queiram utilizar desses subsídios para trabalhar a temática de gênero.

Valentina<sup>4</sup> é um filme brasileiro de 2020 dirigido por Cássio Pereira dos Santos, que narra a história de uma adolescente transgênero chamada Valentina, interpretada pela atriz trans Thiessa Woinbackk. No filme, Valentina e sua mãe se mudam para a cidade de Estrela do Sul, no interior

---

<sup>4</sup> O filme pode ser acessado por diversas plataformas, como Netflix e Youtube.

de Minas Gerais, em busca de uma nova vida, para tentar fugir dos preconceitos que sofria na cidade anterior, enquanto adolescente trans.

Contudo, na tentativa de se matricular em uma nova escola, Valentina enfrenta o desafio de ser aceita e conseguir se matricular usando seu nome social. Daí, decorre os conflitos e relações que Valentina estabelece e que escancara o quanto a sociedade violenta pessoas e corpos marcados pela diferença. Além de evidenciar como a violência de gênero está institucionalizada no âmbito escolar.

Enquanto professoras, propomos trabalhar o filme a partir de três discussões principais: o próprio conceito de gênero, a violência de gênero e a posição da escola, como um lugar contraditório.

O conceito de gênero pode ser explorado a partir da metáfora do viajante pós-moderno trazido pela autora Guacira Lopes Louro (2008), referência para a temática e para os estudos Queer. Para a autora, pensar a questão de gênero pode ser compreendida como pensar em uma viagem, em que quando se descobre o sexo de um bebê “é um menino ou é uma menina”, há uma tentativa de definir a viagem, o percurso, o destino final daquela criança que ainda nem nasceu. O viajante pós-moderno, diferente daquele que tem um percurso pronto e definido e só segue o caminho traçado, é aquele que desestabiliza o percurso.

A imagem da viagem é interessante pois sugere ideias de deslocamento, desenraizamento, trânsito, em que o sujeito já não é aquele unificado e coerente, mas é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante (LOURO, 2008, p.13), “[...] o motivo da viagem se altera no meio do caminho uma vez alcançado, o objetivo deixa de ser importante e se creem outro; os sujeitos podem até voltar ao ponto de partida, mas são, em alguma medida, "outros" sujeitos [...]”.

O conceito de gênero ganhou ampla difusão a partir dos anos 1980 (PISCITELLI, 2002) e sua relevância decorre, em grande parte, do convite a uma nova forma de interpretar a realidade, ao destacar que as distinções entre o que se entende por feminino e masculino estão profundamente entrelaçadas com as hierarquias sociais. Segundo a autora, pensadoras como Joan Scott, Donna Haraway, Gayle Rubin e Judith Butler foram decisivas para impulsionar o debate sobre a natureza socialmente construída do gênero e a desconstrução de visões tradicionais sobre o que define a “mulher”.

Essas abordagens contrapõem a ideia de fluidez à (relativa) fixidez do gênero ancorado em bases biológicas presente nas primeiras formulações de gênero; a noção de múltiplas configurações nas quais o poder opera de maneira “difusa” à ideia de dominação/subordinação universal das mulheres; a intersecção entre

múltiplas diferenças e desigualdades ao privilégio da diferença sexual entendida como diferença entre homem e mulher. (PISCITELLI, 2002, p. 16)

Assim, o debate contribuiu de forma significativa para questionar as concepções rígidas e essencialistas que anteriormente predominavam propondo uma análise mais complexa e fluida das questões de gênero.

Outro ponto escancarado no filme e que pode ser abordado em sala de aula é a questão da violência de gênero. Desde a dificuldade da matrícula com o nome social, que é direito da estudante; à exigência da assinatura do pai na matrícula, que não tem uma relação muito presente na vida de Valentina; o bullying e transfobia nos grupos da escola; o assédio sofrido pela adolescente e o ataque à menina em que cortam o cabelo de maneira forçosa e violenta. São várias as cenas em que a violência de gênero aparece no filme e que podem ser vistas como possibilidades de trabalhar a questão da violência com os estudantes. Explorar como a violência está presente em várias nuances, desde a violência institucional, física, sexual, psicológica etc. Além disso, outra sugestão é trazer dados para os estudantes sobre a violência contra pessoas trans.

Bruna Benevides (2024) trouxe no dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023, que o Brasil registrou 145 assassinatos de pessoas trans. Explorar esses dados e fazer relação com o filme pode ser uma possibilidade pedagógica interessante para sensibilizar os estudantes sobre o tema.

Por fim, explorar o lugar contraditório que a escola assume na obra. Simultaneamente em que ela é um obstáculo burocrático, institucional, que reforça a dificuldade de acesso da Valentina ao ambiente escolar, ela também é um espaço de reafirmação das diferenças, e demonstra que a postura dos discentes, quadro de docentes e gestão da escola é fundamental para garantia de direitos dessas pessoas.

Além disso, cabe explorar a reflexão final que o filme provoca, de que a evasão escolar entre homens e mulheres trans atinge 82%, refletindo as dificuldades de inclusão e o preconceito enfrentado no ambiente educacional. Além disso, a expectativa de vida dessa população é de apenas 35 anos, um dado que expõe a grave vulnerabilidade e as violências estruturais que afetam as pessoas trans no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que trabalhar a temática de gênero no Ensino Médio, é importante não só para os discentes que se identificam com outras identidades de gêneros se sentiram

pertinentes dentro das discussões, mas também para colocar a importância do tema dentro das escolas a fim de aproximar essas discussões com o cotidiano escolar. Além disso, é uma forma de efetivar a obrigatoriedade da temática presente nos planos de curso de Minas Gerais e reforçar a inclusão da temática nos currículos, que indica trabalhar o conteúdo desde o 1º ano até o 3º ano do Ensino Médio.

Nesse sentido, o filme *Valentina*, com classificação indicativa de 14 anos, é uma excelente possibilidade de trabalhar o tema nos três anos do Ensino Médio. Ele permite explorar várias nuances do tema e permite ainda uma aproximação com os estudantes, haja vista, sua linguagem próxima e a proximidade que o filme traz de se passar em uma cidade mineira.

Tais reflexões demonstra a relevância do tema não somente para nossa prática docente, mas também para que a escola seja de fato esse espaço aberto à diferença. Uma abertura que não seja só legal e teórica, mas que se efetive na prática. Que possamos pensar a diferença, na medida em que esse conceito é ligado a ideia do reconhecimento como transformação social e que possamos compreender que a convivência com o outro e o diálogo transforma a nós mesmos. Que sejamos, docentes, as vozes que encorajam outras vozes!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

BENTO, Nosli Melissa de Jesus; XAVIER, Nubea Rodrigues; SARAT, Magda. “Escola e infância: a transfobia lembrada”. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 59, p. e205911, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2017.

CAFÉ, L. da C. M.; COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. “TRANSEXUALIDADE NA ESCOLA: IMPACTOS E DEMANDAS DOS CORPOS MARCADOS PELA SUBVERSÃO”. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 21(1), 235–254, 2020.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Minas Gerais, 2024.

MINAS GERAIS. **Plano de Curso Ensino Médio**, 1º Ano, 2024a.

MINAS GERAIS. **Plano de Curso Ensino Médio**, 2º Ano, 2024b.

MINAS GERAIS. **Plano de Curso Ensino Médio**, 3º Ano, 2024c.

INGOLD, Tim. Epilogue: “Anthropology is not Ethnography.” In: **Being Alive**. Routledge: London and New York, 2011.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, 39(3), 404–411, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 22 a 67 (II).

PISCITELLI, Adriana. “Re-criando a (categoria) mulher?”. **Textos Didáticos**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, [S.I.], n. 48, p. 7 – 42, 2002.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli.; NETO, H. F. A. “O processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil e a Sociologia (2014 a 2018)”. **Revista Espaço do Currículo**. V. 13, n. 2, p. 262–283, 2020.

VALENTINA. Direção: Cássio Pereira dos Santos. Produção: Camila Macedo e Erika Pereira dos Santos. Brasil: Campo Cerrado Produções, 2020.

VALENTINA. Poster. Rio de Janeiro: Tudo Sobre Filme, 2021. Disponível em: <http://www.tudosobrefilme.com.br/2021/09/valentina-ganha-novo-cartaz-e-data-de.html>. Acesso em: 1 set. 2025.